

INTERSECCIONALIDADE E INCLUSÃO: O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DE ESTUDANTES SURDOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Luciana de Assis Miranda ¹
Mylene Cristina Santiago ²

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o cenário de inclusão de estudantes surdos no ensino superior brasileiro tem apresentado avanços significativos, impulsionados principalmente por políticas públicas como as de ações afirmativas e a criação de cursos voltados para a formação em Letras-Libras. A partir destas iniciativas, instituições de ensino superior tem buscado promover acessibilidade e permanência para esse público, contudo, as barreiras linguísticas e sociais ainda persistem, dificultando a plena participação no ambiente acadêmico por discentes surdos. Conforme Maia (2017), até meados do século XVI, os surdos eram vistos como indivíduos ineducáveis e sem direitos, o que ressalta a necessidade de entendimento histórico das dificuldades enfrentadas. A perspectiva histórica é crucial para compreendermos as barreiras atuais que limitam o acesso e permanência dos estudantes surdos da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Na Universidade Federal de Juiz de Fora, as discussões em torno da inclusão de estudantes surdos têm ganhado espaço, principalmente, com o aumento do número de discentes que se identificam como parte da comunidade surda. No entanto, mesmo com a promoção dessas discussões, a acessibilidade linguística e as práticas institucionais ainda são insuficientes para garantir a igualdade de direitos. A partir do referencial teórico de autores como Perlin (2003, 2016), Perlin e Strobel (2014), entendemos que, para além das questões relacionadas à cultura surda, a interseccionalidade, discussão iniciada por Gonzalez (1984), conceito cunhado por Kimberlè Creshaw (2002) e explorado por Collins e Bilge (2021), deve ser considerada na análise das múltiplas barreiras que esses estudantes enfrentam.

¹ Mestranda em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Tradutora Intérprete de Língua de Sinais – Língua Portuguesa, luciana.miranda@ufjf.br;

² Orientadora. Doutora em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ. Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, mylene.santiago@ufjf.br;

Este estudo tem como objetivo investigar como os processos interseccionais atravessam a narrativa dos estudantes surdos da UFJF e como esses processos influenciam e desafiam sua prática acadêmica. Ao investigar as narrativas desses estudantes, buscamos compreender de que forma essas interações afetam o processo de permanência e participação no ensino superior, expandindo o debate sobre a interseccionalidade e a inclusão. Para isso, adotamos a categoria analítica interseccional, conforme apontam Creshaw (2002) e Collins e Bilge (2021), reconhecendo que, as experiências de indivíduos não são moldadas por uma única identidade, mas sim pela interação de múltiplas dimensões. Esta pesquisa reforça a importância de escutar as vozes dos próprios estudantes surdos e, de considerar as interações entre os diferentes marcadores sociais na construção de uma Educação, de fato, inclusiva e democrática.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para este estudo, realizamos entrevistas narrativas com estudantes surdos da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizadas em maio de 2024. O objetivo foi elucidar como suas trajetórias acadêmicas são interseccionalmente afetadas por suas múltiplas identidades. É importante ressaltar que esta pesquisa integra um projeto mais amplo, com parecer aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da UFJF e, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Conforme Pachá e Moreira (2022), a entrevista narrativa se destaca pela ênfase na compreensão das experiências e vivências dos indivíduos a partir de suas próprias perspectivas. Essa abordagem proporciona ao pesquisador, não apenas acesso às experiências, mas também à maneira como essas histórias são ressignificadas pelos participantes. Assim, a entrevista narrativa se torna um processo de reconstrução das experiências compartilhadas.

Ressaltamos que as entrevistas foram conduzidas em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que é a língua utilizada pela comunidade surda. Posteriormente, as entrevistas foram traduzidas e transcritas para a Língua Portuguesa, pela pesquisadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas dos estudantes surdos, revela como a interseccionalidade desempenha um papel importante na compreensão de suas experiências acadêmicas. Nesse contexto, a surdez se destaca, principalmente, como marca identitária de um grupo, gerando o apagamento de outras identidades que se entrelaçam e impactam suas trajetórias. Neste sentido, selecionamos três participantes e, a partir da transcrição das entrevistas, extraímos trechos em que suas narrativas revelassem suas trajetórias marcadas por questões referentes às questões didáticas.

A análise das narrativas dos entrevistados, revela um cenário de múltiplas barreiras que impactam suas trajetórias acadêmicas, demonstrando como a sobreposição de identidades se tornam um fator de exclusão. De acordo com Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade considera a interação entre diferentes dimensões identitárias e sociais, tais como raça, gênero, classe, e, no caso desses estudantes, a surdez. Ao analisar os trechos extraídos das entrevistas, é possível observar que a surdez não é a única característica que define suas experiências mas, que esta se articula com a falta de suporte institucional e a desigualdade no acesso ao conhecimento acadêmico.

“A principal dificuldade reside nos professores de algumas disciplinas.”

“Os professores dizem que eu preciso estudar, mas eles também precisam me dar auxílio.”

“Eu informava o professor que não estava conseguindo entender, mas a resposta era que não tinham muito tempo para ajudar [...]” (Entrevista de Pedro, 2024)

Pedro menciona que, mesmo quando informa os professores de suas dificuldades, não recebe o apoio necessário “Os professores dizem que eu preciso estudar, mas eles também precisam me dar auxílio”. Essa frase destaca uma relação de poder que, conforme Crenshaw (2002) pontua, reflete a desigualdade estrutural entre estudantes surdos e professores ouvintes. A responsabilidade pelo aprendizado é colocada inteiramente no aluno surdo, sem que haja adaptação pedagógica adequada, o que evidencia a barreira educacional interseccional, não apenas a falta de acessibilidade linguística, mas também a negligência em relação às suas necessidades educacionais específicas.

“A maioria dos professores não têm conhecimento da língua e muitas vezes utilizam como estratégia pedir desculpas ou esperar que o intérprete motive o aluno surdo.”

“Eles não compreendem que temos diferentes níveis de aprendizado e um entendimento profundo das palavras e outros aspectos.” (Entrevista de Isabela)

Isabela, por sua vez, traz à tona, outro aspecto interseccional ao dizer “Eles não compreendem que temos diferentes níveis de aprendizado”. Neste trecho, observamos como o conceito de interseccionalidade proposto por Collins e Bilde (2021) realça a complexidade da experiência surda. Não se trata apenas de uma questão de falta de conhecimento da Língua de Sinais Brasileira por parte dos professores, mas de uma falha em reconhecer as diversas formas de aprender, que vão além das questões linguísticas. O uso de “desculpas” ou a expectativa de que o profissional intérprete assuma a responsabilidade pelo sucesso do aluno, como mencionado, reforça a exclusão, ao invés de promover a inclusão.

“Minha jornada começou na UFJF em 2019, mas foi muito difícil. Tive muitas dificuldades com os professores e com a didática. Eu tinha intérprete de Libras, e nesse ponto não tive problemas.” (Entrevista de Talita)

A narrativa de Talita também exemplifica como a surdez, interseccionada com outros marcadores, afeta diretamente sua experiência acadêmica. Mesmo contando com a presença de um profissional intérprete, Talita enfrentou obstáculos pedagógicos relacionados à metodologia de ensino, que não estava adaptada às suas necessidades. Isso demonstra que a presença de um profissional intérprete não é, por si só, suficiente para garantir a inclusão plena, sendo necessário considerar as diferentes formas de aprendizagem que os estudantes surdos trazem consigo, conforme discutido por Perlin e Strobel (2014).

A partir dessas narrativas, podemos concluir que as barreiras enfrentadas por estudantes surdos da UFJF vão além da questão linguística. Elas envolvem marcadores de opressão que, interseccionados, contribuem para a exclusão acadêmica desses alunos. Para que, de fato, haja inclusão, é necessário considerar as múltiplas dimensões identitárias e sociais, promovendo políticas e práticas educacionais que atendam de forma ampla às necessidades dos estudantes surdos, sem se limitar a presença do profissional intérprete de Libras, mas focalizar em uma transformação estrutural no ambiente acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que as barreiras enfrentadas pelos estudantes surdos da Universidade Federal de Juiz de Fora vão além da questão linguística, revelando a necessidade de análise, através da lente interseccional, para compreender completamente as dinâmicas de exclusão no ensino superior.

A sobreposição de identidades, tais como a surdez e outras questões sociais e pedagógicas, cria um ambiente de desafios múltiplos, que não pode ser solucionado apenas com o profissional intérprete de Libras. É essencial que a instituição avance na implementação de políticas e práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade de experiências e necessidades dos estudantes surdos, promovendo inclusão mais ampla e democrática.

A partir dessa análise, destacamos a importância de escutar as narrativas dos próprios estudantes e de levar em consideração, as interações entre os diferentes marcadores sociais em suas trajetórias acadêmicas. Dessa forma, será possível transformar a estrutura educacional de modo a garantir que todos os estudantes, independentemente de suas identidades, possam acessar e participar plenamente do ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. (Rane Souza, Trad.) Boitempo, 2021.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 01 jun. 2024.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, n. 2, p. 223-244, 1984

MAIA, M. I. S. **A importância da história dos surdos para o avanço da educação**. Revista Porto das Letras, Porto Nacional, TO, v. 03, n 01. Estudos Linguísticos, p. 101-111, dez.2017.

PACHÁ, P.; MOREIRA, L. V. C. **Entrevista narrativa como técnica de pesquisa**. Synesis, Revista da Universidade Católica de Petrópolis, v.14, p. 157-168, 2022.



PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdo:** Alteridade, diferença e identidade.

[Tese de doutorado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003

PERLIN, G; STROBEL, K. **História cultural dos surdos:** desafio contemporâneo.

Educar em Revista, p. 17-31, 2014